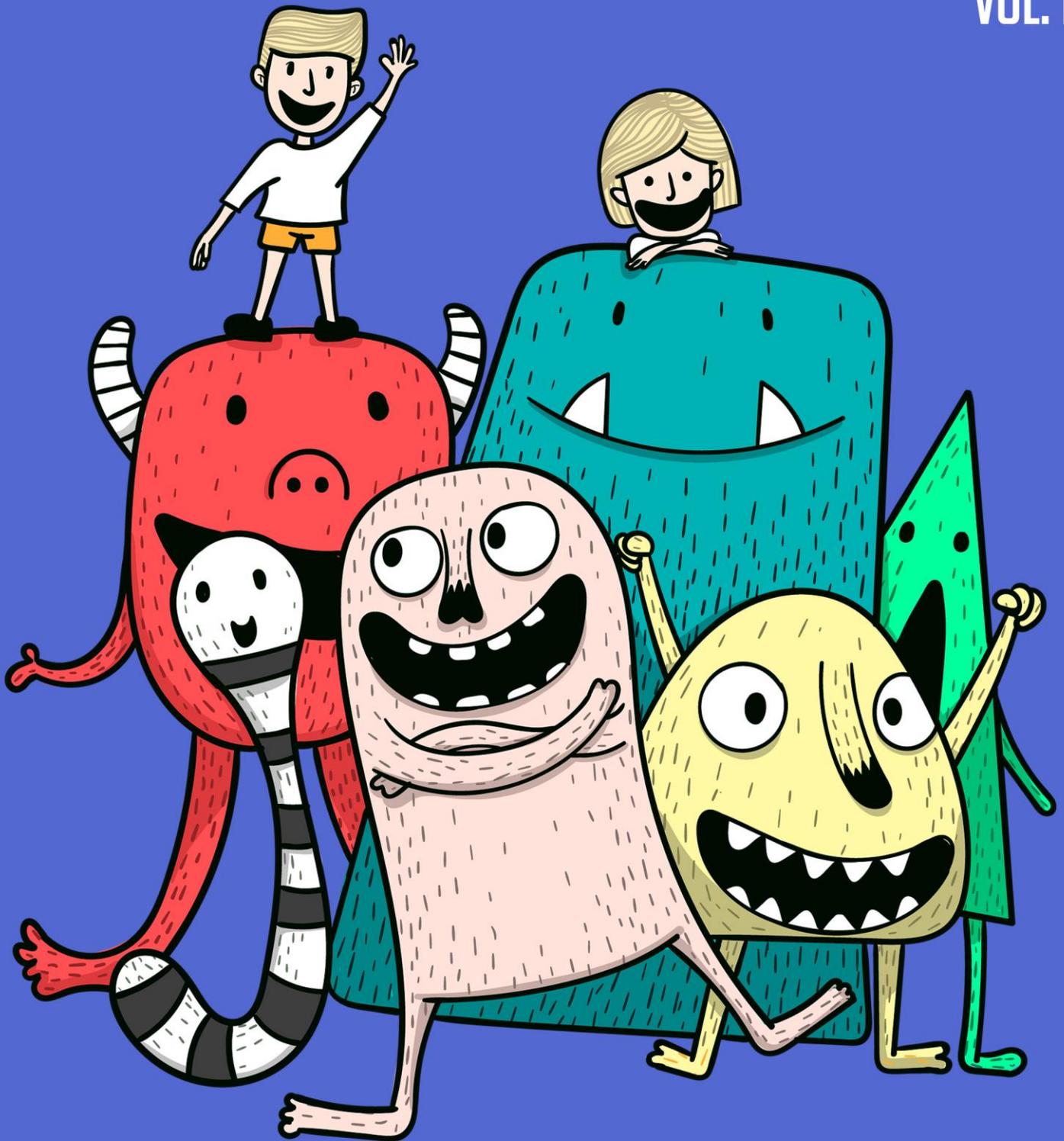


CONTOS, MINICONTOS E POEMAS INFANTOJUVENIS

VOL. III



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
2021
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS, MINICONTOS OU POEMAS

Minha carteirinha, por Adayl Falconi Chiodi, pág. 05
Cigana, por Bianca Sacchitelli Riascos, pág. 08
Domingo, por Bianca Sacchitelli Riascos, pág. 10
Preta de Carvão e os Sete maus patrões, por Gilberto Mendes dos Santos, pág. 12
Arrependimento em afeto, por Helena Drummond, pág. 16
Afonso queria ver o mar, por Iraci Marin, pág. 19
O menino dos olhos de rio, por Leticia Gois Beghini, pág. 22
Amor quase platônico, por Liah Pego, pág. 25
Encontro de princesas, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 28
Vovó e as bolotas, por Roberto Schima, pág. 31
Conheça outros títulos da coleção, pág. 36

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

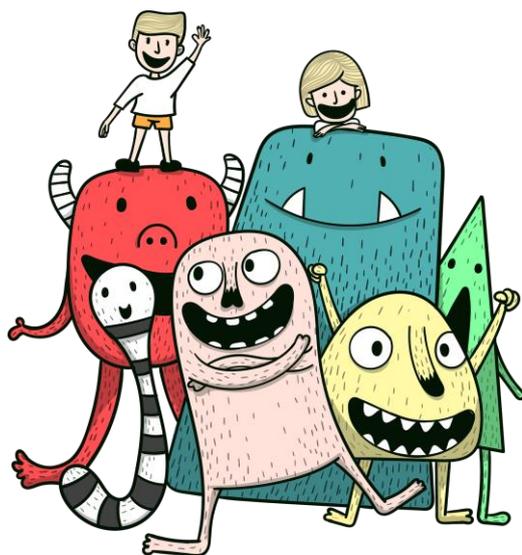
VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura

www.facebook.com/conexaoliteratura





O ECO

O menino pergunta ao eco

Onde é que ele se esconde.

Mas o eco só responde: Onde? Onde?

O menino também lhe pede:

Eco, vem passear comigo!

Mas não sabe se o eco é amigo

ou inimigo.

Pois só lhe ouve dizer: Migo!

— Cecília Meireles



APRESENTAMOS O CONTO
MINHA CARTEIRINHA

Por Adayl Falconi Chiodi

Sobre a autora: Adayl Falconi Chiodi, professora aposentada, nasceu a 25/12 /41 em Ijuí (RS). Concluiu o curso Magistério em 1959. Licenciou-se em Pedagogia em 1963. Fez Pós graduação em Orientação Educacional e Metodologia da Pesquisa na UNIJUI.

Clarice sonha! Deitada de bruços em sua cama, ela pensa em Júlio. “Como ele é querido. Agrada a gente com os olhos. Tem o primo Carlos e o Luís, são também muito queridos. Mas o Júlio é diferente, tem outro jeito. Outro dia, me acudiu quando caí do carrinho de lombo. E ele fala coisas bonitas que lê nos livros.”

Pensando e sonhando, resolve escrever um bilhete. Só assim: Júlio, eu gosto de você. “Vou deixar lá debaixo das laranjeiras, onde sempre brincamos. Não vou assinar, ele não vai saber de quem. Ou vai adivinhar que sou eu?”

— Clarice, preciso que vá na loja comprar um tecido.

— Já vou, mãe.

Ela enfia depressa o bilhete dentro de sua carteirinha, junto com uns trocados.

Sai de casa saltitando por aquele trilho que leva à rua. Conhece cada pedra daquele caminho. Para encurtar o trajeto, atravessa o potreiro. Passa pela casa da Dona Ida, abana para ela. “Gosto dela, ela é muito amiga da gente.” Avista de longe a Dona Angelina. “Que engraçado, a mãe e as filhas têm o nome começado por ‘A’. Angelina, Aldina, Aldorema e Adiles. Muito engraçado esse nome Aldorema!”

Passa pela casa que todos chamam de casa do Conde. Casa estranha, cheia de mistérios. Gente fechada, não falam com ninguém. Clarice fica imaginando como seria a vida naquela casa.

Observa outras casas. Não conhece os moradores, mas sempre se pergunta: -Como eles vivem?

Na volta, entrega o tecido e o troco para a mãe e se enfia no seu cantinho e nos seus sonhos.

— Clarice, onde está a nota do tecido que tu comprou?

— Tá na minha carteirinha. Não sei onde deixei.

— Eu te ajudo procurar, a Dona Ana quer saber o preço.

— Deixa, mãe, eu procuro.

Andou por tudo com o coração na mão. Se a mãe acha a carteirinha e, ao pegar a nota cai o bilhete... Tenho que achar antes.

Voltou ao quarto, olhou debaixo da cama, nas gavetas, e nada! Começou a sentir um frio na barriga e uma dor fininha na cabeça, bem como ela sentia quando tomava sorvete.

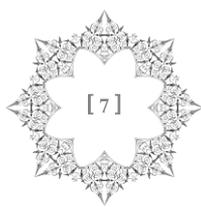
Nisso, quem chega? Júlio. “Logo ele? Só faltava essa!”

— O que há? Aconteceu alguma coisa? Perguntou Júlio ao vê-la tão agitada.

— Preciso achar a minha carteirinha. Não sei onde deixei.

— Seria aquela ali no canto da sala? Abaixou-se, pegou a carteira e a entregou à menina.

Com a maior pressa, ela pegou a carteira, quase arrancando-a das mãos de Júlio. Que alívio! Tirou com cuidado a nota do tecido e entregou à sua mãe. Bah! Ainda bem, se a mãe achasse o bilhete, ia ficar braba, e se o Júlio achasse, não sei...





APRESENTAMOS O MINICONTO **CIGANA**

Por Bianca Sacchitelli Riascos

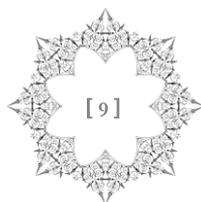
Sobre a autora: Bianca é brasileira, de São Paulo, mas, por coisas da vida, mora em Bogotá há mais de 15 anos. É formada em Letras pela PUC-SP e mestre em Estudos Culturais pela Universidad Nacional de Colombia. Em Bogotá, ela ensina português na Universidad de los Andes, é co-fundadora do grupo El Rejunte literario e promove a divulgação de textos e autores brasileiros em pequenos eventos da área. Além de ler, ela gosta de escrever, estudar, caminhar, fazer yoga e cozinhar.

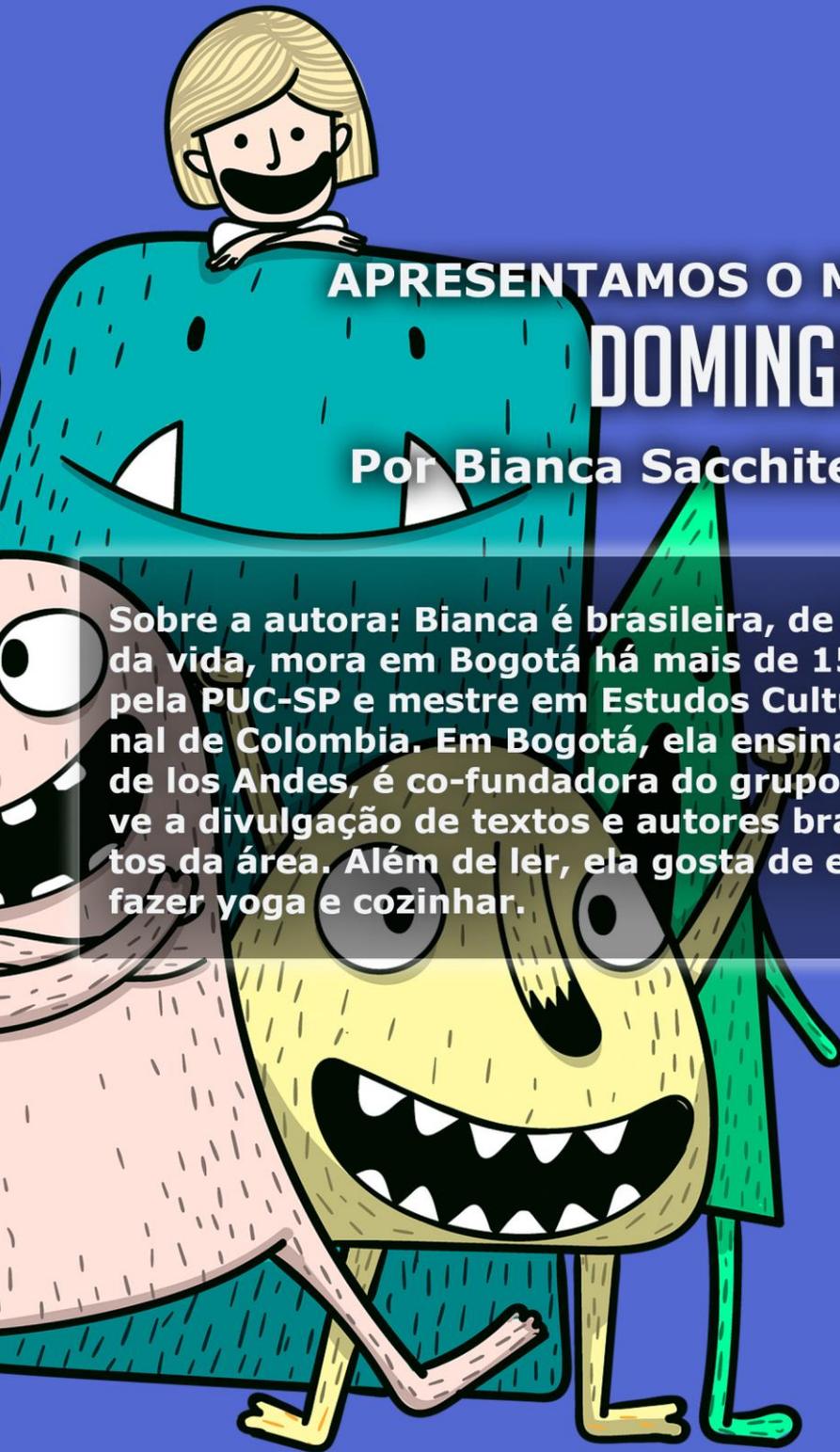
Em pleno centro da cidade, ela se aproximou e, sem pedir licença, segurou minha mão para ler. Cigana de meia tigela! Ali, não viu o futuro. Não foi capaz de dizer isso ou aquilo sobre meus próximos dias, meses, anos...

— Um novo amor? — perguntei ansiosa. Outro emprego? A viagem dos meus sonhos? Nada!

Viu o passado. Vê se pode!

— Mão maltratada, moça. A senhora já trabalhou muito nessa vida!





APRESENTAMOS O MINICONTO
DOMINGO

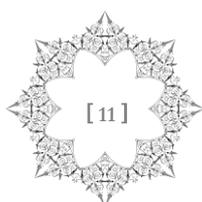
Por Bianca Sacchitelli Riascos

Sobre a autora: Bianca é brasileira, de São Paulo, mas, por coisas da vida, mora em Bogotá há mais de 15 anos. É formada em Letras pela PUC-SP e mestre em Estudos Culturais pela Universidad Nacional de Colombia. Em Bogotá, ela ensina português na Universidad de los Andes, é co-fundadora do grupo El Rejunte literario e promove a divulgação de textos e autores brasileiros em pequenos eventos da área. Além de ler, ela gosta de escrever, estudar, caminhar, fazer yoga e cozinhar.

Contente, acordei achando que era domingo.
Ledo engano, rapidamente me lembrei que era segunda-feira. Dia frio e chuvoso,
aliás.

Sem pensar, virei pro lado, buscando contato com o dono do pezinho quente e fedido ao meu lado, e pra quem todo dia é tarde de domingo preguiçoso.

— Ai ai... vida de cachorro, viu?





APRESENTAMOS O POEMA

PRETA DE CARVÃO E OS SETE MAUS PATRÕES

Por Gilberto Mendes dos Santos

Sobre o autor: Gilberto Mendes dos Santos nasceu no dia 10/06/1968, no município de Juranda/PR. O autor é formado em Economia e Direito pela UFMT. Além de escritor das horas vagas, trabalha como servidor público. É casado e pai de duas meninas inteligentes e lindas. Ele assina como escritor em quatro pseudônimos na Amazon: GM-DHOSS (obra mais recente: "Malditos" – terror psicológico); Bruno Baião (Única obra até o momento: "Crônicas da vida nada privada"); Stanley Fall (Única obra até o momento: "O paraíso não é perfeito" – thriller crime); GM-SANTHO (Obra mais recente: "O ladrão de mulher" – comédia romântica). Como GM-DHOS, participou de duas antologias organizada por Ademir Pascale e foi selecionado em duas, uma com o conto "Amor Zumbi: o fim dos tempos" (Antologia TRASH – CONTOS E POEMAS SOBRE O FIM DO MUNDO) e noutra com o conto "Comentários à respeito de Alice" (Antologia CONTOS E POEMAS ASSOMBROSOS).

Noticiava nos jornais
Para quem quisesse ouvir
Que crianças trabalhavam na carvoaria
Em vez da a vida *curtir*

Em meio à fumaça mortal
Morriam de trabalhar
Os pulmões tossindo poluição
E a vida a evaporar

Em vez de caneta e caderno
O rastelo pesando nas mãos
E assim desmorona o castelo
Dos sonhos de nossos pequenos irmãos

Os olhos reverberavam cansaço
A vida desesperança
Perdendo o melhor da vida
Que ser uma feliz criança

Apesar dos muitos pesares
Ainda encontram alguma alegria
Forjando em pedaços de carvão
Brinquedos a lhes fazer companhia

Enquanto a ambição perdura
O futuro se mostra trágico

Nos rostos dessas crianças
De fuligem todo untados

Azuis, negros ou verdes
Nos rostos não se vê nada além
Da sujidade do carvão
Que trata crianças com desdém

Em vez de caneta e lápis
Uniforme limpo e alimento de qualidade
Jogamos nossas crianças
No labirinto da profunda crueldade

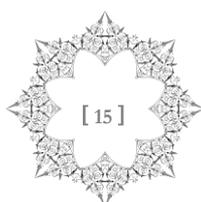
E qual será o futuro
De tão abusada criatura
Que tem sua vida subjugada
A levar embora sua candura

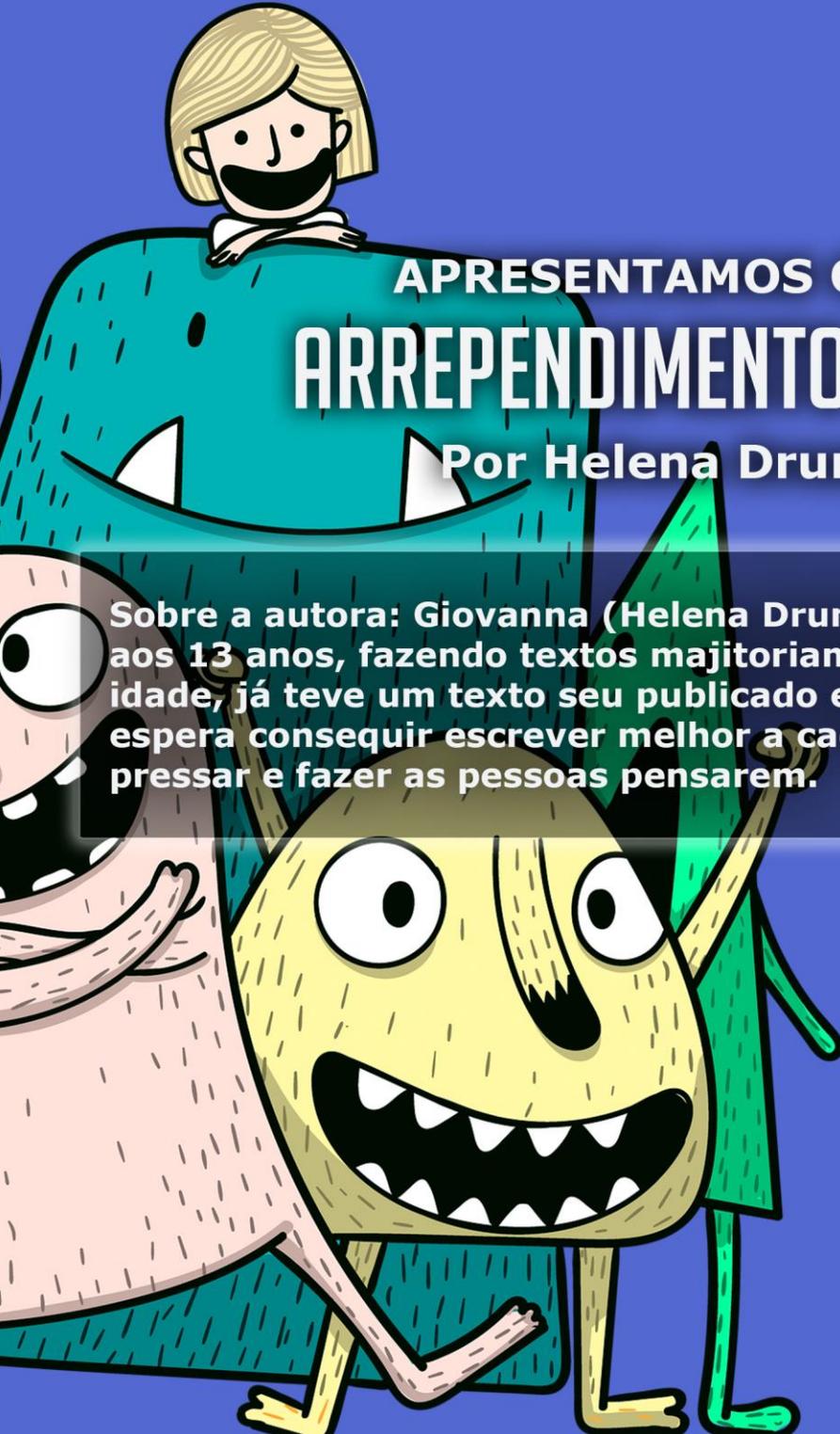
E nem adianta passar a borracha
O que se perde é para sempre
Ainda que em meio a tanta insensatez
Sempre haverá um sorriso de criança contente

Enquanto os bons silenciarem
Os maus irão prevalecer
E uma criança num canto qualquer chorando
Assistirá seu futuro perecer

Quiçá essas pobres crianças
Se livrem dos maus patrões
E assim como Branca de Neve
Contem com a ajuda dos sete anões (bons patrões)

O bom senso, creio eu
Haverá um dia de prevalecer
E num futuro não muito distante
Nenhuma criança haverá de sofrer





APRESENTAMOS O CONTO

ARREPENDIMENTO EM AFETO

Por Helena Drummond

Sobre a autora: Giovanna (Helena Drummond) começou a escrever aos 13 anos, fazendo textos majoritariamente de terror. Ainda nessa idade, já teve um texto seu publicado em uma antologia. Hoje, espera conseguir escrever melhor a cada dia, e aprender a se expressar e fazer as pessoas pensarem.

“Os mortos recebem mais flores do que os vivos porque o remorso é mais forte do que a gratidão”

— *Anne Frank*

Eu tinha uma galinha.
Minha mãe a comprou um dia, e repentinamente eu estava apaixonada por aquele pintinho. Eu costumava levar ela para o meu quarto, brincar com as suas pequenas penas e fazia questão de verificar o quanto de comida ela tinha, dando até coisas a mais.

Mas com o decorrer do tempo, ela parou de ser um pintinho e se tornou uma galinha, e eu parei de me importar. Ela viveu seis anos e morreu a alguns meses. Enquanto estava viva, eu sempre achei sua vida enfadonha. Cheguei a pensar que era até menos do que isso.

Os anos que antecederam seu finamento, passaram de maneira tão rápida que no momento em que finalmente foi descoberta sua morte, curiosamente, a imagem que me veio à mente foi aquele pintinho do primeiro dia, morto. Todas as noites em que haviam tempestade, eu temia por ela. Ela era apenas uma galinha, apesar de tudo. Eu fico acordada quando o tempo lá fora está tão caótico, e o medo de dormir e não acordar mais me consome. Não se é possível imaginar como aquilo deveria ser suportado por uma criaturazinha que nem ela.

Agora, percebo que eu me importava de verdade por aquele animal. Seu nome era Chocolate. Eu nunca mais vou ver ela.

Pensar sobre o descaso que a dei enquanto estava viva me traz tanta compunção, que sou capaz de nunca mais me permitir amar nenhum animal, por medo do distanciamento que eu posso causar. Às vezes penso na quantidade de vezes que fiz isso com pessoas, e me sinto ainda pior.

Seria minha afeição condicional? Foram tantas as vezes em que meu irmão demonstrou afeto para com ela, demonstrou como ele realmente se importava com Chocolate. E tudo que eu fazia era desdenhar de tão honesta dedicação. Eu não compreendia aquele sentimento, ou pelo menos pensava que não o fazia.

Uma tarde, depois de uma série de tempestades, ela morreu.

Eu não chorei pela primeira hora. Quando eu finalmente me sentei para processar a morte dela, tive um colapso.

Como que eu não percebi?

Por que que só ficou aparente o fato de eu amá-la, depois que eu a perdi?

Ela merecia melhor, ela merecia muito melhor.

É difícil para mim, saber amar. Usualmente, eu trato as pessoas na minha vida como se elas fossem... desconsideráveis. Então inesperadamente ocorre uma tempestade e minha cabeça só me pergunta infinitamente se elas estão bem.

Eu sinto o amor na sua forma mais pura, mais forte, quando o objeto da minha afeição parece fora do meu alcance. O quão auto destrutivo isso se tornou...

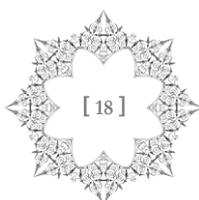
Como alguém é perdoado, por não perceber que a capacidade de amar é uma característica que lhe é inata? Tantas pessoas tratam todos os seus relacionamentos como se fossem meros casos, um episódio com fim.

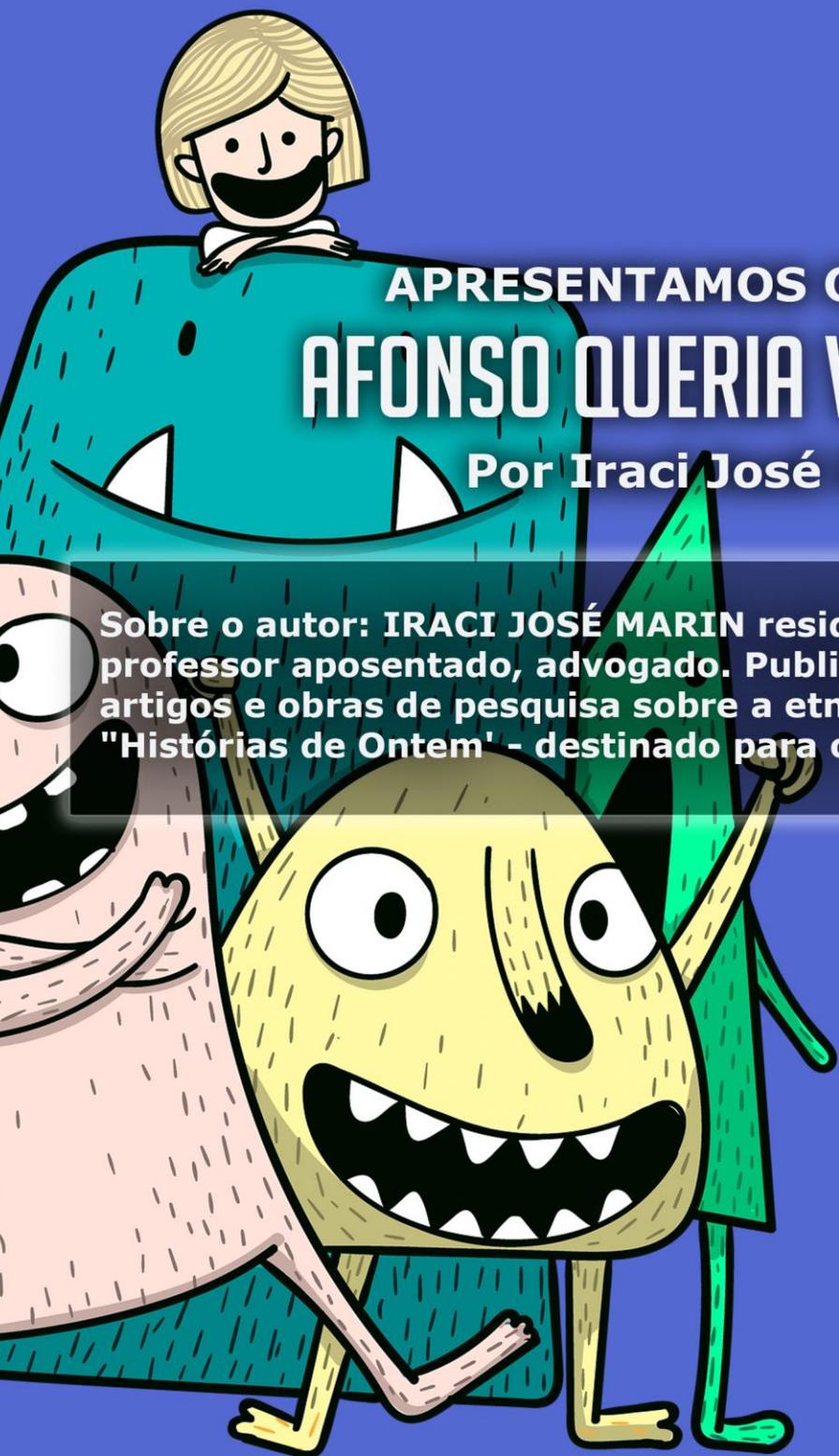
A quantidade de pessoas que choram por perderem bens materiais, me desconcerta menos à medida que aprendo a lidar com a saudade. Muitos acreditam que sua tristeza vem da materialidade, mas eu acredito que esse sentimento tem suas origens nas memórias. No seu centro, perdemos um pouco de nós mesmos com cada separação que ocorre em nossas vidas.

A facilidade em mentir para nós mesmos, nos impede de admitir que estamos sim com dificuldades de superar nosso afeto. Nós ficaríamos vulneráveis demais. Nossa disposição para criar paredes, está constantemente bloqueando a nossa capacidade de amar livremente. O medo de revelar o que nos é precioso, pois sempre achamos que vão usar isso contra nós.

Ninguém sabe o que será perdido em seguida.

Chocolate era importante para mim. Eu percebi isso tarde demais.





APRESENTAMOS O CONTO
AFONSO QUERIA VER O MAR

Por Iraci José Marin

Sobre o autor: **IRACI JOSÉ MARIN** reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado, advogado. Publicou obras de ficção, além de artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Acaba de lançar "Histórias de Ontem" - destinado para o público infantil e juvenil.

Afonso enchia a casa com suas risadas e correrias. Ele escutava a conversa dos adultos, aprendia. Uma vez, ele ouviu vovô falar do mar. Vovô dizia: o mar tem águas azuis e revoltas.

Afonso revelou que queria ver o mar, tomar banho nas suas águas azuis e revoltas.

Todos lhe diziam: o mar fica longe daqui, na direção Norte.

Onde era o Norte?

Perguntou ao irmão mais velho, que abriu os braços no sentido Leste-Oeste e explicou os pontos cardeais para Afonso. O irmão apontou numa direção:

— O Norte fica na direção daquele morro coberto de mato.

E explicou:

— Não dá pra ir até o mar a pé. Mas dá pra ver o mar, lá longe, de cima do rochedo que tem no alto daquele morro.

O menino vibrou por dentro – ia subir o morro e ver o mar!

O irmão falou:

— Não pode ir lá sozinho. É perigoso.

Mas ele estava decidido. Então, às escondidas da mãe e de todos, colocou no bolso da calça curta umas bolachas, daquelas cobertas de glacê colorido, pegou o seu budoque e, bem cedo, começou a sua aventura.

Carregando no peito e nas pernas a alegria de ver o mar, mesmo de longe, começou a caminhada, acompanhado por Urso, um cachorro com pele cor de mel. Caminhou bastante pela estrada estreita e pedregosa.

Lá adiante, a estrada fazia uma curva acentuada para a esquerda, desviando do morro, e ele ficou em dúvida. Continuaria pela estrada ou entraria no campo e depois no bosque, lá na frente, pra seguir na direção do morro?

Percebeu uma trilha no meio da grama. Foi por ela. A trilha ia até o bosque e entrava mata adentro e ia morro acima. Ele caminhou pela trilha no meio da mata. Às vezes se agarrava nos galhos de árvores pequenas para vencer a subida, às vezes tropeçava numa raiz, outras vezes sentia cipós e espinhos baterem em seu rosto... Não desistiu porque queria ver o mar, mesmo no horizonte distante.

Chegou até o alto do morro e lá estava o rochedo que se erguia acima das árvores. Era de lá que ele ia ver o mar!

Comeu as bolachas, olhando por onde subir ao topo da rocha. Não foi fácil a subida. Precisava se agarrar nas nervuras do rochedo e subir devagar e com muito cuidado...

Afinal chegou. Lá do alto, podia ver lonjuras desconhecidas. Olhou para todos os lados à procura do mar. Espichou o olhar por todo o horizonte. Não conseguia descobrir onde estava o mar e já não sabia onde era o Norte.

Olhava as copas das árvores se movimentando por causa do vento e os pássaros gorjeando acima delas e por entre os galhos...

Cansado, adormeceu ali mesmo, em cima do rochedo, sem o embalo do mar, mas entre folhas verdes e na luminosidade do dia. Os pássaros se multiplicavam ao seu redor, papagaios, pintassilgos, tico-ticos, sabiás, andorinhas, rolinhas, juritis e colibris... Cada um deles cantava em sua voz as canções do seu peito. Cada um voava conforme o voo de sua vida.

Logo apareceram outros bichos, libélulas, saguis, caramujos, lagartixas e até o cascudo tatu. Afonso viu-se no meio daquela festa musical e começou a cantar e a dançar também. Urso também dançava. Afonso era saudado por todos os habitantes daquele mundo novo.

Parecia pousar no ar. Sentia-se levado por brisas mansas a visitar campos longínquos e jardins floridos. Sons melodiosos enchiam todo o espaço.

Depois de um tempo, sentiu enorme calor no corpo. Não era calor de festejar a alegria, mas era calor do sol. Então acordou. Olhou ao redor, não havia festa e tudo estava com a mesma tranquilidade de antes.

Lembrou-se do mar, que ficava muito longe, e ele não via.

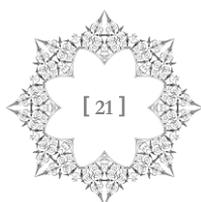
Lembrou-se de casa, sem ele vazia...

A mãe e todos o procuravam angustiados, gritando – *Afonso! Afonso!* – e ele não respondia, porque não os ouvia.

Afonso resolveu descer do rochedo calorento. No solo, pisou gravetos, a terra fresca e as folhas secas. Urso fazia festa ao redor, lambia suas pernas e pulava de alegria.

Retornou para casa sem ter visto o mar.

Mesmo assim, feliz da vida!





APRESENTAMOS O POEMA
O MENINO DOS OLHOS DE RIO

Por Letícia Gois Beghini

Sobre a autora: Letícia Gois Beghini é graduanda de Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e irmã mais velha de um menininho de 6 anos. Seu irmão é, para ela, uma fonte de inspiração e um grande companheiro. Juntos, eles aprendem e descobrem mais sobre tudo o que o universo cultural infantil pode lhes oferecer. Além disso, Letícia tem estudado mais profundamente a psicologia escolar, os estudos da deficiência e a literatura infantil. Atualmente, para a sua monografia, ela pesquisa a representação de crianças com deficiência nas histórias da Turma da Mônica. Para entrar em contato com Letícia, pode-se fazer email lgbeghini@gmail.com ou pelo perfil no Instagram [@infancia.culturaearte](https://www.instagram.com/infancia.culturaearte).

Havia um menininho
Que morava numa casinha
Que ficava numa cidadezinha
De um país pequenininho

Esse menino era muito bonito
Alegre e divertido
Vivia cheio de amigo
Mas às vezes sentia algo esquisito

Tudo começou numa bela manhã fria
Quando o menino foi à feira comprar melancia
O fruteiro deu-lhe o troco errado
E o menino deu-lhe um olhar de lado

A pulga atrás da orelha ficou
"Tentaram me enganar?", ele logo se questionou
Mas a pergunta de nada adiantou
Recebeu o troco certo e ali não se demorou

Da feira saiu
No caminho, o saco logo se abriu
A melancia caiu
Pow, explodiu

Todo sujo, cheirando à fruta
Chegou em casa meio biruta
Entrou no banho para se lavar
Sentiu o estômago esquentar

PUF, do nada a água acabou
Só deu tempo de ensaboar
Mas como faz agora para enxaguar?
Algo dentro dele borbulhou

Se pôs a gritar, berrar, xingar
Queria derrubar tudo
Bater em todo mundo
Pedir para o Universo parar

"PARA DE ME ATRAPALHAR!!!!!!!"

O vovô logo viu o menino nervoso
Primeiro o acalmou, todo amoroso

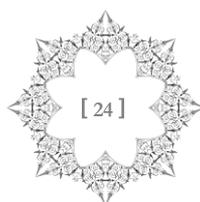
Depois de um longo abraço, pegou seu violão
O menino então disse que estava muito confuso
Sentia um calor no peito, bem lá no fundo
Seria aquilo um problema de coração?

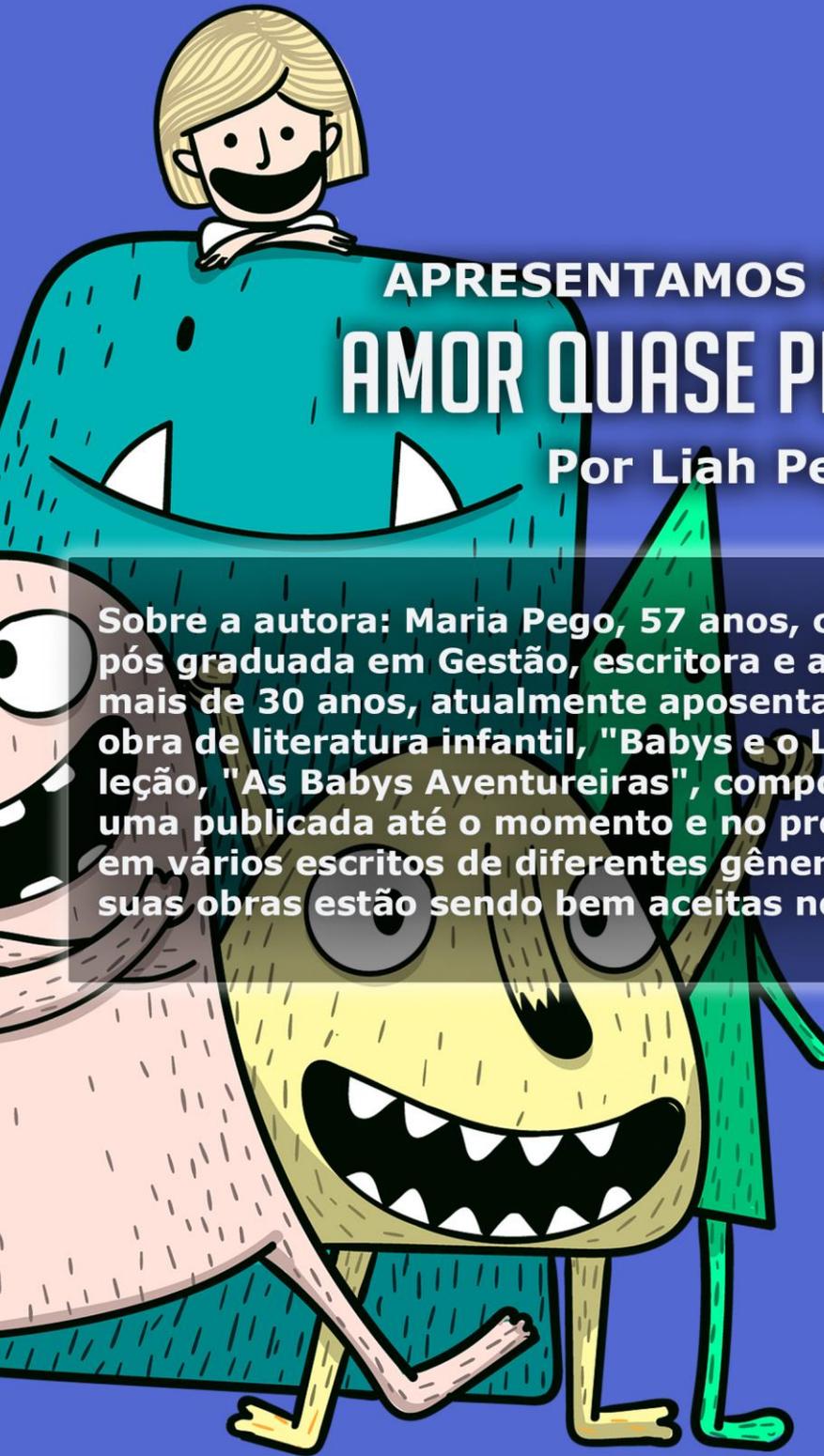
O avô, muito esperto, lhe disse que não
Ao olhar no fundo dos olhos do menino
Viu ali a nascente de um rio
Foi quando, cantando, lhe deu essa lição

"No início do mundo, tudo era só fogo
A mudança só começou quando a chuva veio e o planeta esfriou
Dali surgiu a terra, onde a vida se iniciou

Da mesma forma, há fogo em você
Deixa o rio dos seus olhos correr
As águas logo chegam no estômago
Apagando as chamas do seu âmago

Liberte a represa do seu olhar
Deixe a água escorrer
Sente e fique a observar
O rio que faz a vida acontecer"





APRESENTAMOS O POEMA
AMOR QUASE PLATÔNICO

Por Liah Pego

Sobre a autora: Maria Pego, 57 anos, casada, 3 filhos, pedagoga, pós graduada em Gestão, escritora e atuou no ensino público por mais de 30 anos, atualmente aposentada. Já publicou sua primeira obra de literatura infantil, "Babys e o Lobo" que faz parte de uma coleção, "As Babys Aventureiras", composta de 6 contos porém, só uma publicada até o momento e no presente está se aventurando em vários escritos de diferentes gêneros e desde que começou, suas obras estão sendo bem aceitas no universo literário.

O gorjear do pássaro me convida
Para contigo cantar
Me encontro no embalar da rede
Adormeço com a luz do luar
Sonho contigo a noite
O dia seguinte também
Quero descansar nos seus braços
Porque você não vem!
Toda manhã o sol
Vem falar
Me conta seus segredos
Confidencia que queres comigo ficar.
A lua, parece querer antecipar
 Ciumar de nós dois
Sentados na praça
E as estrelas contemplar.
O passarinho fofoqueiro
Quis me magoar
Falou da sua resistência
De não querer me namorar
Mas eu sou paciente
Desse coraçãozinho teimoso que recusa me amar
Vou buscar no universo
Uma forma de poder em você chegar.
A tensão que corrói por dentro
Dilacera o peito, castiga a mente
Fecha a porta e joga a chave fora

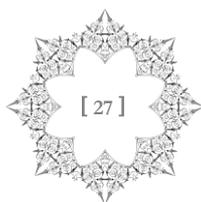
Não deixa adentrar seu coração inocente.

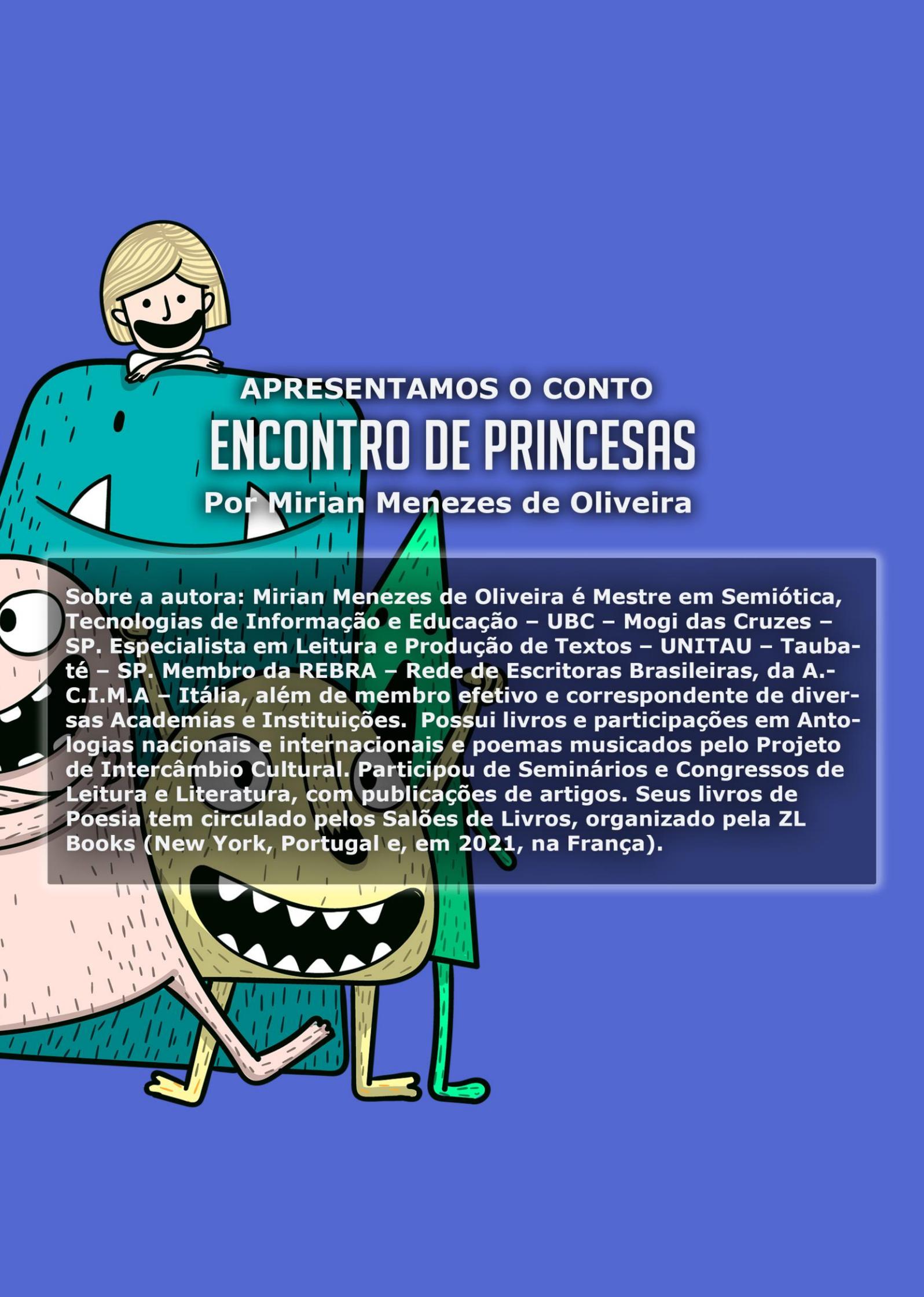
Vamos aproveitar o tempo

E com ele se deleitar

Os dias passam rápido

E não sabemos quanto nos resta para sonhar.





APRESENTAMOS O CONTO
ENCONTRO DE PRINCESAS

Por Mirian Menezes de Oliveira

Sobre a autora: Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras, da A.-C.I.M.A – Itália, além de membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais e poemas musicados pelo Projeto de Intercâmbio Cultural. Participou de Seminários e Congressos de Leitura e Literatura, com publicações de artigos. Seus livros de Poesia tem circulado pelos Salões de Livros, organizado pela ZL Books (New York, Portugal e, em 2021, na França).

Já era tarde, mas a menina não conseguia dormir:

— Mamãe, o final da história será feliz?

— Filhinha, durma! Vamos parar nesse ponto da história hoje!

— Mas, mamãe!... A Bela Adormecida será acordada pelo príncipe?

— Joana, durma com os anjos! Mamãe contará o restante da história amanhã...

— Mas estou sem sono!

— Joana!

— Por favor, mamãe!

— Façamos o seguinte... Agora, você fechará os olhos e irá imaginar um encontro entre você e a Bela Adormecida. Duas princesas irão se encontrar: a princesa dos contos de fadas e a princesa do "mundo real"... Vá construindo a sua história, filhinha! Amanhã, voltaremos a conversar...

— Como assim, mamãe?!

— Imagine-se dentro da história... Faça de conta que você atravessou o muro da realidade... Não tenha medo!

Pouco a pouco, diante dos suaves comandos de voz, Joana foi sentindo o peso de suas delicadas pálpebras... De repente, já não se encontrava naquele quarto...

A imaginação a transportou a um universo de cores, brilho e magia!

Joana não acreditava no que via... Estava diante da Bela Adormecida, em outra dimensão, e isso não lhe custou nada... Viajou, com base na imaginação...

E como era perfeito o universo paralelo!

— O que faz aqui, Joana? – perguntou a Bela Adormecida.

— Como?! Você me conhece? Sabe meu nome? Você não estava adormecida? Como acordou, antes do príncipe?

— Joana! Somos donas de nossas histórias! Deixe o príncipe chegar e me acordar nos contos de fadas. Agora, a história é outra! Somos amigas há muitos anos, embora você viva no "mundo real"! Fico feliz, que tenha vindo me visitar!

— Quer dizer que você existe de verdade, Bela Adormecida?!

— Você não está conversando comigo?!

— Sim, mas... Você está no meu sonho! Não existe de verdade!

— Agora, você me magoou, Joana! Existo, sim! Sou parte de sua imaginação! Somos amigas próximas e, cada vez que ouve minha história, você sempre torce por um "final feliz"! Como pode dizer que não existo?! Estou em sua mente! Vivo, eternamente, nas histórias contadas!

— Desculpe-me, amiga! Posso chamá-la de "amiga", Bela Adormecida?

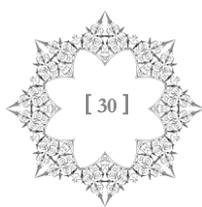
— Deve! Somos amigas! Duas princesas de reinos diferentes!

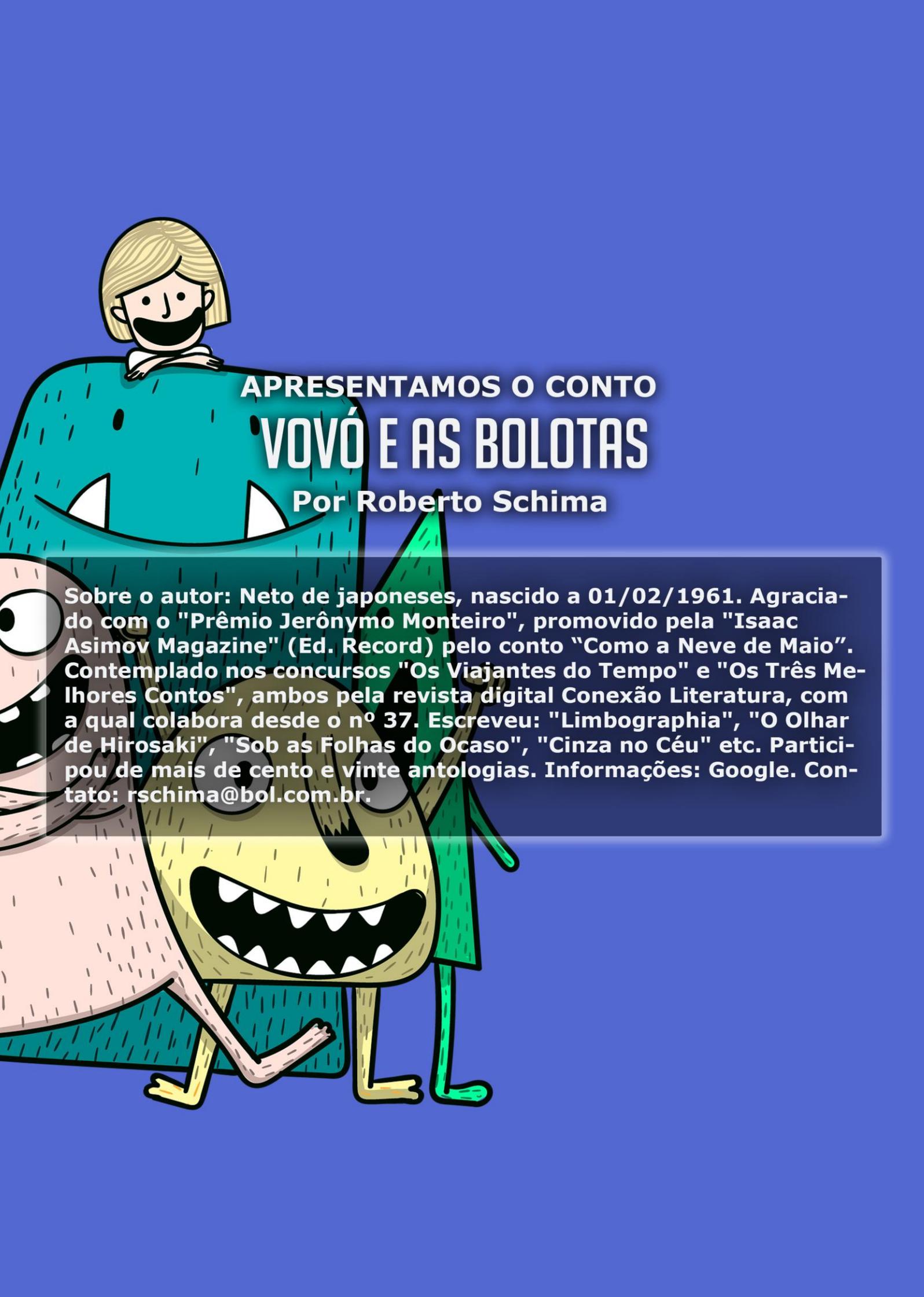
— É tão bom saber que podemos viajar e criar outros enredos, em nossas mentes! É tão bom saber que a imaginação não tem limites e que podemos dar asas aos sentimentos e às personagens! É tão bom...

— É tão bom podermos viver a fantasia, amiga Joana! Venha comigo, princesa do mundo real! Vou mostrar a você o meu castelo, meu reino e seus personagens!

— Bela Adormecida, acho que preciso me beliscar, para me certificar de que isso é real!

— Não há necessidade, Joana! Esse universo paralelo é real e, enquanto houver pessoas que acreditem na magia das histórias contadas, poderemos nos encontrar e, com certeza, **VIVEREMOS FELIZES PARA SEMPRE!**





APRESENTAMOS O CONTO

VOVÓ E AS BOLOTAS

Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record) pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de mais de cento e vinte antologias. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

Está uma tarde feia lá fora.

Um cinza escuro passeia pelo céu, tenebroso, enquanto relâmpagos iluminam os edifícios com suas faíscas gigantes. As paredes tremem de medo dos trovões. Confesso que também tremo um pouco, num respeito velado a um poder maior do que minhas forças — e mesmo mais poderoso do que a energia que alimenta a tempestade: o poder da memória.

Ouçó o tamborilar insistente.

Sim... reconheço o som.

É o mesmo zumbido do passado.

Sorriso.

Gostaria que ela estivesse aqui comigo para observar também.

— As bolotas, Edgar! As bolotas estão caindo! — gritou ela. — Vem ver, menino!

Ouvi a voz rouca a me chamar enquanto estava em meu quarto. Brincava com um caminhão de plástico que fazia passar por uma estrada imaginária, entre prédios de blocos de madeira. Não me levantei de imediato do chão, mais concentrado no trajeto do brinquedo. Eu sabia que estavam caindo. Há algum tempo estava escutando as milhares de batidas simultâneas soarem no telhado. Elas caíam uma atrás da outra, num zumbido contínuo a invadir as paredes desbotadas do quarto, pintadas de um azul-claro tristonho. Eu estava convicto de que iriam demorar para parar.

— Vem ver as bolotas! — insistiu vovó. Se havia uma característica em comum entre nós, essa era a teimosia.

Ciente de que ela não iria mudar de ideia enquanto eu não fosse ter consigo, larguei a contragosto o caminhão de plástico entre dois edifícios de madeira, no chão de tacos.

— Tô indo! — gritei e corri.

Meus passos ligeiros e curtos soaram pela casa, mas foram encobertos pelo zumbir contínuo lá de fora.

Vovó Jurema encontrava-se na varanda envidraçada. Olhava para o mundo exterior, fascinada. Tinha um brilho infantil nos olhos e, na minha cabeça de criança, pensei comigo como ela parecia bonita: um coque prendendo os cabelos, um casaco de lã marrom protegendo-a do frio, um cobertor nas pernas e um bordado deixado de lado. Cheguei até ao seu lado e ela, reparando na minha presença, colocou-me em seu colo. Juntos, balançamos na velha cadeira de madeira negra e resistente.

Do outro lado da vidraça, a chuva caía impiedosa naquela tarde enevoada de outono. Rajadas súbitas arrepiavam nossas almas e nos faziam pensar em coisas e em lugares longínquos. A chuva caía do céu e, com ela, as bolotas. Centenas, milhares, milhões delas. Por que vovó tinha lhes dado esse nome, eu nunca soube, ou, se ela o disse para mim, a memória cuidou de apagar.

— É bonito — falei com minha voz minúscula de cinco anos. — Tá em toda parte.

Vovó apenas murmurou um assentimento e continuou a balançar. A madeira estalava monotonamente, um *nhec-nhec* gostoso de se escutar.

Voltei minha atenção novamente para o que estava acontecendo lá fora.

Era um espetáculo muito bonito, bonito de verdade; uma daquelas raras cenas a ficar para sempre na lembrança por mais que os anos corressem diante de nós. As bolotas caíam sem parar do céu, pulando em direções várias, deixando tudo branquinho. Mal dava para se enxergar do outro lado da rua. Havia uma alvura no ar por causa da chuva, das gotículas suspensas e das bolotas. Formava uma espécie de barreira, separando uma casa da outra de maneira análoga ao espaço a apartar os planetas. De vez em quando, uma bolota mais ousada atingia a vidraça, parecendo que iria quebrá-la, mas não quebrava.

— De onde vem as bolotas, vovó?

— De Bolotópolis, Edgar — respondeu numa voz mansa, acompanhada de um esboço de sorriso —, elas vem de Bolotópolis.

— "Botoplis"? — Fiz uma careta de quem nada entendeu.

Vovó riu, voltando seu rosto redondo e grisalho para mim. Repetiu paciente:

— Bolotópolis, Edgar, Bo-lo-tó-po-lis. É uma grande bola branca lá no alto, onde crianças ficam brincando em cima. Atiram pedaços menores umas nas outras e esses pedacinhos acabam caindo aqui embaixo, aqui na terra.

— Deve ter muita criança lá em cima — comentei, admirando as bolotas que persistiam em cair. Eram tantas, que ficava impraticável contá-las. Confundiam-me. Sumiam. Apareciam.

Vovó Jurema tornou a rir. Exibiu seu dente de ouro. Quando calhava de eu o ver, pensava nela como um tipo de robô, que nem daqueles seriados japoneses. Não era uma comparação que a agradasse propriamente.

— Tem sim, Edgar, tem um montão de crianças por lá.

— Como é que elas não caem?

— É que...

— Como é que elas subiram?

— Bem, o...

— Ah! Deixa eu sair e pegar umas bolotas, vovó, deixa?

Tocando de leve seus dedos nodosos em meus lábios irrequietos, ela contou:

— Bolotópolis é um lugar mágico onde só as crianças boazinhas vão. Lá, elas podem se divertir à vontade, correr, brincar de amarelinha e muito mais. Mas tem uma condição, Edgar.

— Que é "condição"?

— É uma coisa que se faz obrigada, mesmo que não queira. É um dever, como das vezes que sua mãe te manda lavar as mãos antes de comer. Entendeu?

— Entendi.

— Então. Em Bolotópolis, a condição é a de que as crianças que vão para lá, vão para ficar para sempre, para nunca mais voltar às suas casas e se misturar com as crianças más aqui da terra.

— Eu não sou mau.

— Claro que não, Edgar. Entretanto, nem todas as crianças são boazinhas como você.

— Que nem o João — falei, pensando no filho da vizinha. — Ele atira pedra nos cachorros.

— Isso mesmo — confirmou. — Lá em Bolotópolis tem uma fada mágica chamada Bolotéia. É ela quem escolhe as crianças e, com seu poder, faz elas flutuarem até lá no alto, no meio das nuvens. Elas não caem por causa da mágica, nunca poderão cair. E lá ficarão brincando sempre e sempre...

— É por isso que, junto com as bolotas das brincadeiras, a chuva cai — disse eu, pensativo. — Tem criança chorando de saudade de casa.

Ela concordou, admirada.

— Sim... E você não pode sair para pegar as bolotas porque senão vai subir também e nunca mais vai retornar.

Fitei o céu turbulento, a chuva forte e as bolotas que caíam. Senti um tremor brotar pelo corpo todo e abracei seu corpo quente e protetor.

A chuva prosseguiu lá fora, chapinhando na rua e nas calçadas, afogando o jardim, transformando as outras casas em sombras indistintas sobre um pano de fundo cinzento.

Mais tarde, com o Sol crepuscular tingindo tudo de vermelho, sai para o quintal. Como sempre, havia o odor de frescura no ar, o chão estava molhado e as bolotas haviam sumido. A mágica tinha terminado.

Contente, comecei a pular e a correr pelo quintal. Sem querer, acabei por derrubar um vaso de hortênsias que vovó adorava. Ela apareceu com uma expressão severa e pressenti que iria me deixar de castigo.

— Seu sapeca, você...

— Se eu for muito bonzinho — falei esperançoso —, eu subo para Botoplis e não volto mais.

Ela não aguentou e me abraçou com força de encontro ao seu peito. Sorri aliviado.

Confesso que nunca fui o melhor dos garotos da rua, todavia, jamais atirei pedras nos cachorros. Disso sempre pude me orgulhar.

Muitos anos se passaram. Há cerca de um ano, vovó Jurema se foi — para "Botóplis" com certeza. A casa em que eu vivia passou por reformas que a tornou irreconhecível. Gostaria de dar uns safanões em seus donos atuais.

Entretanto, a chuva continuou a cair. Eventualmente, as bolotas caíam também, como estão caindo agora, nesta tarde sinistra de outono, na sacada de meu apartamento. Há pensamentos de lugares longínquos no ar.

Abro a porta corrediça que dá acesso à sacada e sinto imediatamente o vento agitar meus cabelos, penetrando na sala. A chuva começa a me molhar. Agacho-me e, rapidamente, apanho uma das bolotas. Fecho a porta.

A bolinha branca de gelo reluz molhada na palma da minha mão.

Vovó Jurema havia mentido, descobrira um dia. As bolotas não eram mágicas e nem me levaram para o céu. Porém, eu soube lhe perdoar por este singelo pecado e, de certo modo, conservar a magia de Bolotópolis viva dentro de mim.

Respiro profundamente.

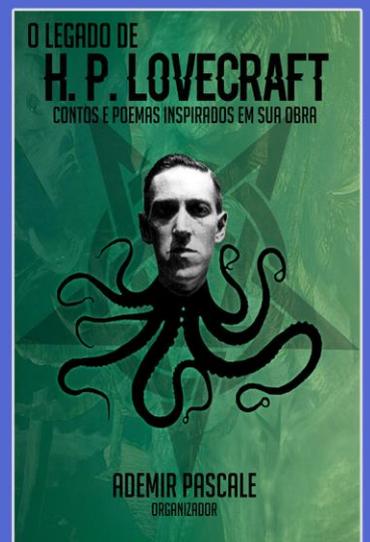
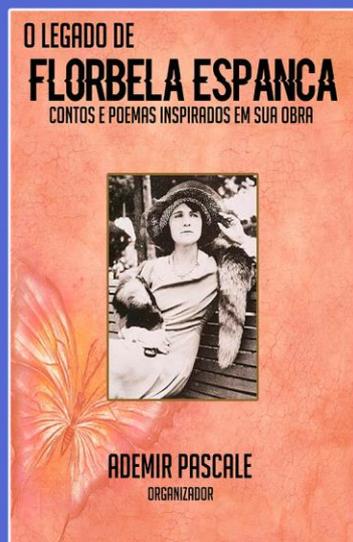
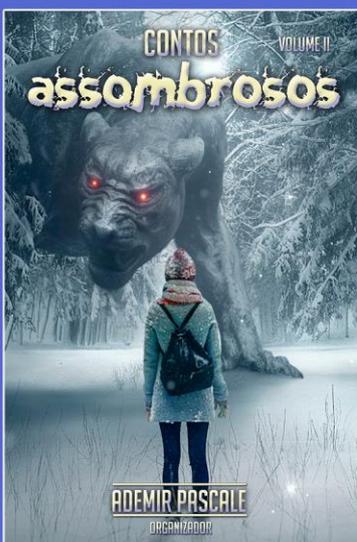
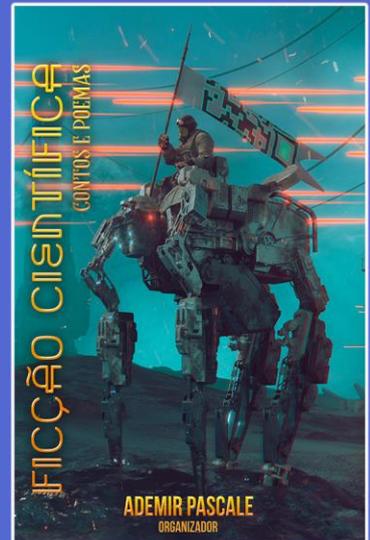
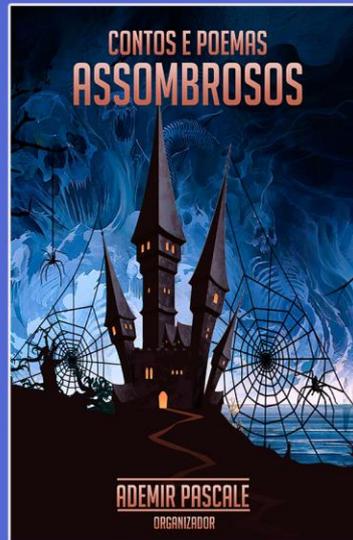
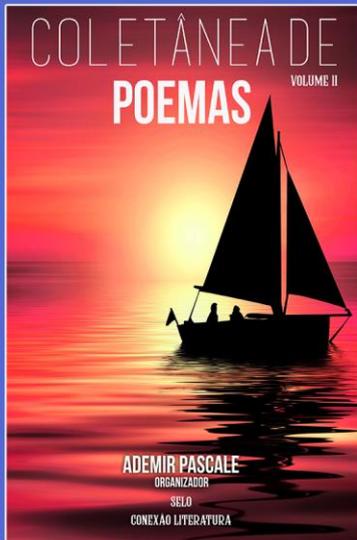
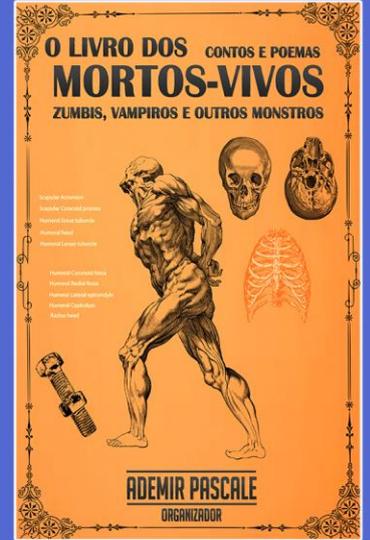
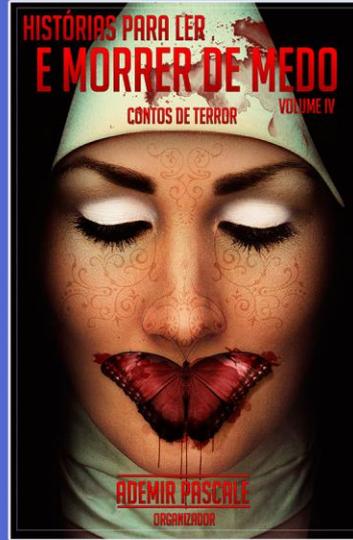
No calor aprisionado do meu lar, a bolota se derrete por entre meus dedos, enquanto as lembranças atravessam minha mente como a chuva a cair inclemente lá fora.

NOTA DO AUTOR:

Trata-se de um conto escrito décadas atrás. Faz parte de minha antologia "Limbographia" (Clube de Autores, agBook, Amazon, Uiclap), sendo também publicado na antologia "Coletânea de Contos Infantis - Centenário de Maria Clara Machado" (Projeto Apparere, 2021, <http://www.apparere.com.br/venda-coletanea-maria-clara.php>). Desperta-me muita nostalgia, notadamente pela figura da avó diante do netinho. Saudades de minha "bá" Fujiko.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI